



UM TUCANO, TRÊS MEMÓRIAS: EXPERIÊNCIAS E EXPECTATIVAS NAS MEMÓRIAS DE ESTUDANTES EM PRIVAÇÃO DE LIBERAÇÃO

Henrique Silveira Gomes¹

Introdução

Lecionar na escola do sistema prisional foi a experiência mais marcante até o momento na docência em História. O objeto de estudo deste artigo é fruto de uma atividade realizada no referido contexto, na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio da Penitenciária Professor Ariosvaldo Campos Pires, localizada no município mineiro de Juiz de Fora. A unidade prisional possui a finalidade receber detentos masculinos condenados destinados a cumprir pena em regime fechado. A escola, tal como o complexo penitenciário, é vinculada ao estado de Minas Gerais, e a exemplo das demais instituições educacionais em presídios estaduais, não possui docentes efetivos. Os professores que atuam nessa instituição possuem vínculos de contratos realizados a cada ano letivo. Durante os anos de 2022 e 2023 trabalhei nessa escola lecionando a disciplina de História e pude experimentar as dinâmicas da docência no sistema carcerário.

De acordo com o filósofo Jorge Larrosa (2002, p. 24), para que a experiência aconteça, de modo a permitir que algo nos toque, é necessário um gesto de interrupção, como o de “parar para escutar, cultivar a atenção e a delicadeza, escutar mais devagar, abrir os olhos e os ouvidos, escutar os outros, parar para sentir, suspender o juízo”. Nessa perspectiva, orientei minha trajetória docente no sistema prisional, valorizando a dimensão da escuta dos sujeitos encarcerados. O conjunto de atividades analisadas neste texto, a escuta de narrativas das vidas de estudantes em privação de liberdade, pode ser compreendido como experiências de produção curricular em História sob o ponto de vista do professor.

¹ Professor de História na rede estadual de Minas Gerais e estudante no Mestrado Profissional do Programa de Pós-graduação em Ensino de História da UFRJ. henriquesg95@gmail.com

No espaço educativo inserido no sistema carcerário, os docentes estabelecem contato cotidiano com sujeitos marginalizados por amplas camadas sociais. Busco problematizar o tema da marginalização referenciando Paulo Freire. Em seu livro *Pedagogia do Oprimido* (1974), o autor defende a importância de compreendermos os marginalizados não como aqueles que vivem ou viveram à margem da sociedade, mas pelo contrário, esses sujeitos estiveram dentro de uma estrutura que os transformam em “seres para outro” (Freire, 1974, p. 84).

Logo, enfrentar este problema não se resume a integrar os oprimidos à estrutura da opressão, mas sim “transformá-la para que possam fazer-se seres para si” (Freire, 1974, p. 85). Elionaldo Julião (2012, p. 65), pioneiro nos estudos sobre a educação nas penitenciárias brasileiras alerta sobre a ilusória dicotomia entre prisão e sociedade:

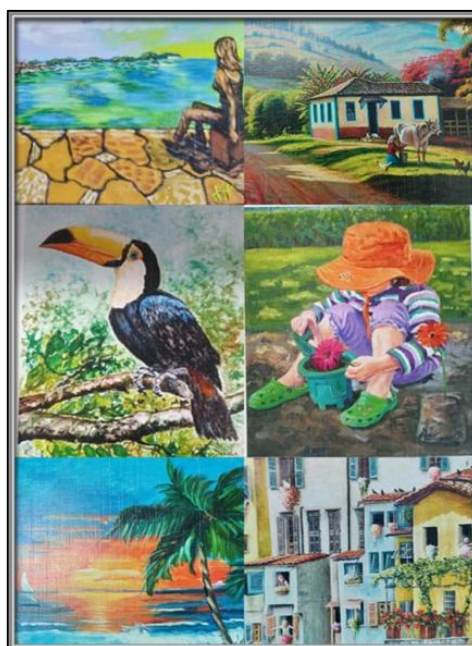
As pessoas que estão cumprindo sua pena, estão em espaço e tempo distintos do meio social livre, mas ainda pertence a ela, pois os presídios não estão fora da sociedade e nem deixam de seguir regras e normas sociais; ao contrário, são tutelados pela sociedade e cumprem a legislação produzida pela mesma.

Então, torna-se necessário um movimento de reeducação dos olhares a fim de compreender as pessoas submetidas a processos de marginalização e encarceramento simplesmente como seres humanos, cujas vidas se produzem em tempos e espaços particulares, dotando-os de um caráter permanentemente inacabado e inconcluso. Nessa perspectiva, segundo a pesquisadora Elenice Maria Onofre (2015, p. 246), “para esses sujeitos é urgente ser resgatada a dimensão humana de sua existência”. Com a intenção de alcançar esse horizonte, uma educação capaz de valorizar as experiências anteriores dos estudantes é necessária. Esse movimento, não se trata de dar voz aos estudantes, pois voz eles já possuem; o que proporcionamos a eles são, de certo modo, os ouvidos, à escuta. Nas experiências de ensinar História a sujeitos encarcerados, a atitude de escuta e mediação das narrativas podem possibilitar a constituição de “seres para si” (Freire, 1974, p. 84).

Partindo de tais concepções, desenvolvi um exercício junto aos discentes e o seu desfecho, inesperadamente, se tornou um objeto de investigação. A dinâmica se iniciou com o intuito de levar um trabalho diferente aos discentes, algo que de certa maneira “fugisse” do ensino tradicional lecionado no cotidiano escolar. Pensei, sobretudo, em uma aula para dar visibilidade às memórias e experiências dos estudantes, oportunizando a reflexão de que eles próprios são também sujeitos históricos.

A atividade se constituiu da seguinte maneira: foram encaminhadas aos discentes uma série de figuras retratando paisagens, praias, flores, animais e outras cenas do cotidiano. As ilustrações fazem parte de um conjunto de calendários produzidos pela Associação de Pintores com as Bocas e os Pés (APBP). Os meses foram suprimidos, restando apenas os elementos visuais, como se encontram na figura abaixo. Solicitei aos estudantes que escolhessem alguma ilustração e produzissem um texto sobre lembranças trazidas pelo contato com o material.

Figura 1 - Pinturas que fazem parte do conjunto de calendários produzidos pela APBP.



Fonte: foto tirada pelo autor, 2024.

Com o exercício desenvolvido, minha intenção era buscar identificar de quais modos as narrativas motivadas pela leitura das imagens poderiam revelar as transformações dos sujeitos em situação de privação de liberdade e o que elas diziam de suas ações no tempo. Além disso, a análise dessas escritas possui a intencionalidade de problematizar de que maneira o tempo passado é observado pelas condições do presente, pois segundo Maurice Halbwachs (1968, p. 25) “se o que vemos hoje tivesse que tomar lugar dentro do quadro de nossas lembranças antigas, inversamente essas lembranças, se adaptariam ao conjunto de nossas percepções atuais”. Ou seja, um olhar ao pretérito possui sempre uma ressignificação levando em conta o tempo no qual se vive, e no contexto dessa atividade, o presente dos autores dessas narrativas é atravessado inevitavelmente pelo contexto marcado pela privação de liberdade.

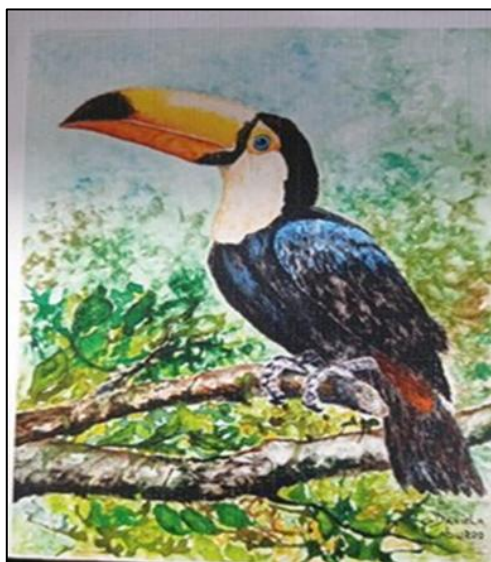
Assim, entendo a prática educacional com o ensino de História como aquele que se distancia de um campo de saber voltado à mera descrição de fatos históricos e do passado congelado pelo tempo, circunscrito a um universo idílico do acontecido, em direção a um ensino capaz de operar com problematização do presente, interessado em colocar sob suspeita as continuidades e discontinuidades. Buscando pensar de que maneira o trabalho com a memória individual pode ser potente para o ensino de História e sua investigação, pois reconstrói as experiências passadas entrelaçadas à dimensão subjetiva de um sujeito imerso em sua própria historicidade.

Justamente pensando nessas questões, foram selecionadas com o objetivo de serem analisadas neste artigo três diferentes narrativas nas quais seus autores escolheram a mesma imagem, a figura de um tucano, a fim de escrever sobre suas memórias fundamentadas no contato com o material. Utilizando como base para a abordagem teórica, os conceitos de espaço de experiência e horizonte de expectativa do historiador alemão Reinhart Koselleck (2006).

Um tucano, três memórias

Inspiradas na pintura (Figura 2), que retrata o pássaro tucano da espécie Tucanaçu, foram produzidas pelos discentes as narrativas a seguir. Por princípios éticos de condução da pesquisa e da minha prática docente, utilizei nomes fictícios com o intuito de preservar as identidades das pessoas que, naquele momento, se encontravam em privação de liberdade. Os textos foram transcritos parcialmente na íntegra, sendo corrigidos apenas erros ortográficos. Porém, podem aparecer alguns erros de concordância e pontuação, escolhi manter dessa maneira para tentar preservar ao máximo as marcas de autoria nas produções.

Figura 2 - Tucano, Pintura produzida pela Associação de Pintores com as Bocas e os Pés (APBP).



Fonte: foto tirada pelo autor, 2022.

Narrativa 1: estudante Rafael

Figura de Tucano

Essa figura do tucano me traz lembranças de paz e sossego da casa dos meus pais, pois como lá o quintal é cheio de árvores frutíferas todo final de tarde pousava um casal de tucano nas árvores e comia seus frutos.

Narrativa 2: estudante Carlos

Olha quando eu era criança eu tive um tucano. Eu estava andando no sítio e encontrei um filhote de tucano, estava chovendo muito e o filhote

estava caído no chão. Eu peguei o filhote e cuidei dele, ele virou um tucano grande, cuidei dele por muitos anos. Ele gostava muito de comer banana e fomos amigos por muitos anos. Depois doeí ele para um amigo. E nunca mais o ví. O passado ficou na História o futuro está sendo escrito.

Narrativa 3: estudante Felipe

Liberdade

Eu me lembro do tucano quando era criança, ficava viajando nas cores dele porque é muito bonito. Eu era muito afim de ter um na gaiola. Mas hoje em dia me encontro privado de liberdade, sei que é muito ruim ficar preso dar uma agonia no peito, dá até uma vontade de virar um pássaro só para sair daqui o mais rápido possível, não vejo a hora. Já estou aqui 5 anos e 7 mês, o tempo não passa 1 minuto parece 1 hora e 1 dia parece 1 ano tempo não passa de jeito nenhum. Mas é confiar em Deus que no mas ele fara. Vc aí nesse lugar a liberdade logo vai chegar saudades corta no peito sentimento que me fez chorar vc não nasceu aí onde nesse lugar...

De acordo com Reinhart Koselleck (2006), como categorias históricas, experiência e expectativa seriam tão centrais quanto as de tempo e espaço. No contexto de produção das atividades, se encontra o peso de um espaço demarcado pela ausência da liberdade. Koselleck (2006, p. 307) desenvolve uma proposta de definição para as duas categorias, comecemos pelo conceito de experiência.

Experiência é o passado atual, aquele no qual acontecimentos passados foram incorporados e podem ser lembrados. Na experiência se fundem quanto as formas inconscientes de comportamentos, que não estão mais ou que não precisam mais estar presentes no conhecimento. Além disso, na experiência de cada um, transmitidas por gerações sempre está contida e é conservada uma experiência alheia.

A dinâmica da atividade consistia na escrita de uma memória pessoal relacionada com uma das diversas ilustrações disponíveis no momento do desenvolvimento da tarefa. No caso, esses três estudantes escolheram a imagem de um tucano. A própria escolha dessa gravura já indica que os autores dessas narrativas vivenciaram alguma experiência com o pássaro em questão. Relacionando com a definição proposta por Koselleck (2006), relembrem acontecimentos passados incorporados que podem ser lembrados. Esses momentos estão expressos na simples lembrança de um casal de tucanos comendo frutas

nas árvores na casa dos pais, quando encontraram e criaram a ave na infância, ou na simplicidade de ficar “viajando” nas cores dele, por considerá-lo muito bonito.

Ou seja, a lembrança de um passado não tão distante de seus presentes, marcado principalmente pelas memórias da infância, as quais são assinaladas pela frase “quando eu era criança” nas narrativas dos estudantes Carlos e Felipe. No primeiro texto não é possível identificar se o discente Rafael está se referindo especificamente a alguma vivência de sua infância, pois não deixa isso explícito igual os demais, porém, é interessante observar a maneira que ele associou a figura de um tucano a “lembranças de paz e sossego da casa dos pais”. Nesse caso podemos relacionar a dimensão do espaço que essa escrita foi produzida, um ambiente na qual esses sentimentos, só são acionados de certa forma pelas lembranças.

De acordo com Kosselleck (2006, p. 307), experiência e expectativa seriam duas categorias adequadas para nos ocuparmos com o tempo histórico, pois entrelaçam passado e futuro. Acredito que no caso específico dessas narrativas, em relação à experiência, a dimensão do presente sancionado pela ausência de liberdade também está posta. Principalmente no terceiro texto, no qual o discente Felipe escreve que queria ter um tucano preso na gaiola, mas a partir da vivência em estar privado de liberdade percebeu “que é muito ruim estar preso”. No caso, a experiência do presente mobiliza as sensibilidades na relação com o lembrar e também sentidos em relação de como esse sujeito observa a passagem do tempo em um espaço marcado pela privação de liberdade, expresso na escrita: “um minuto parece uma hora, uma hora parece um dia e um dia parece um ano”. Os critérios valorativos seriam formados por processos de subjetivação experienciados no espaço do cárcere.

Segundo o historiador Kosselleck (2006, p. 311), a experiência proveniente do passado é espacial, porque ela se aglomera para formar um todo em que muitos estratos de tempos anteriores estão simultaneamente presentes. No caso dessas narrativas de memórias, já que o passado está demarcado no espaço da casa dos pais, ou no sítio onde encontrou e criou um tucano na infância, ou também, de um passado atual marcado pela privação de liberdade. Como na narrativa do estudante Felipe, o qual escreve que já está

a cinco anos e sete meses detido e descreve a maneira que sente a passagem do tempo nesse ambiente, trazendo também em seu texto uma dimensão de expectativa. Koselleck (2006, p. 311) propõem a definição de expectativa como:

Também ela é ao mesmo tempo ligado à pessoa e ao interpessoal, também a expectativa se realiza no hoje, é futuro presente, voltado para o ainda-não, para o não experimentado, para o que apenas pode ser previsto. Esperança e medo, desejo e vontade, a inquietude, mas também a análise racional, a visão receptiva ou a curiosidade fazem parte da expectativa e as constituem.

Na narrativa 1, o estudante Rafael escreveu brevemente sobre suas lembranças, permeadas pelas memórias de suas experiências com a imagem que norteou a escrita, não apresentando uma expectativa nitidamente igual nos outros textos. Como é o caso da narrativa desenvolvida pelo estudante Carlos que finaliza sua produção textual afirmando “o passado virou história e o futuro está sendo escrito” demonstrando de certa maneira um rompimento com um passado, que “virou história”, e a expectativa de um futuro presente que ainda está sendo constituído, um horizonte que está “sendo escrito”. Uma relação bastante interessante entre as temporalidades, marcada por pequenas frases que trazem uma resignificação do tempo passado alicerçado ao tempo atual e uma perspectiva de futuro que está sendo constituído a partir do presente.

No texto produzido pelo discente Felipe, podemos identificar nitidamente a dimensão da expectativa do ainda não experimentado, do que apenas pode ser previsto, da inquietude e vontade, marcado principalmente pela analogia lúdica desenvolvida por ele quando afirma que “dá até uma vontade de virar um pássaro só para sair daqui o mais rápido possível, não vejo a hora”. Demarcado também pela esperança, relacionada nesse caso com a fé, quando escreve, “mas é confiar em Deus que no, mas ele fará”, ou seja, vislumbrando, desejando e esperançoso por um novo horizonte, que de acordo com Koselleck (2006, p. 311):

Horizonte quer dizer aquela linha por trás da qual se abre o futuro um novo espaço de experiência, mas um espaço que ainda não pode ser

contemplado. A possibilidade de se descobrir o futuro apesar de os prognósticos serem possíveis, se depara com um limite absoluto, pois ela não pode ser experimentada.

E nesse contexto o horizonte que ainda não pode ser contemplado intitula o texto dessa narrativa em questão, liberdade. Como descrito no segundo texto, o futuro está sendo escrito, ainda não é vivido, se configura em apenas uma expectativa. Todos nesse contexto desejam um espaço de experiência permeado pela liberdade, porém se encontram em um ambiente circunscrito pela ausência de tal, um limite absoluto demarcado pelas grades, onde a liberdade é experimentada apenas como um horizonte de expectativa.

Conclusão

O historiador alemão Reinhart Koselleck (2006) desenvolveu os conceitos espaço de experiência e horizonte de expectativa como categorias meta-históricas, afirmando que eles remetem a temporalidade do homem, e com isto, de certa forma meta-historicamente a temporalidade da história. Como as narrativas analisadas são constituídos de memórias pessoais, podemos identificar nos textos a maneira em que as diferentes temporalidades humanas se entrelaçam a partir de um espaço de experiência marcado pelo passado rememorado e escrito em um presente delimitado pela ausência de liberdade, e em alguns relatos, traços de um horizonte de expectativa, expressos em um “futuro que está sendo escrito” ou na esperança pela liberdade. Ou seja, por serem conceitos que aludem a temporalidade do ser humano, é possível relacioná-los com essas narrativas de memórias, escritas por sujeitos imersos em suas próprias historicidades.

Por se tratar de escritas produzidas baseadas em lembranças individuais, podemos problematizar também como o passado é interpretado pelos discentes levando em conta uma ressignificação realizada no presente, como apontado por Maurice Halbwachs (2004, p. 25), em que toda lembrança se adapta ao conjunto de nossas percepções atuais. E no caso dos textos, em cada um o passado é ressignificado alicerçado por um olhar do presente de forma subjetiva. Por exemplo, na narrativa 1 o estudante Rafael aborda o

passado como uma nostalgia e um lugar de conforto permeado pelos sentimentos os de “paz e sossego” da casa dos pais, diferente do relato produzido pelo estudante Carlos, na qual o tempo pretérito é observado a partir da memória e da vivência experienciada em ter encontrado e criado um filhote de tucano na infância.

Por fim, na produção textual do discente Felipe, é exequível identificar de que modo as diversas temporalidades se relacionam segundo uma concepção de passado, voltado de certa maneira para se compreender e ressignificar sua opinião no tempo atual, que quando criança queria ter o pássaro preso na gaiola e pela experiência em ficar privado de liberdade descobriu que é “muito ruim estar preso”, configurando novos sentidos subjetivos a sua percepção do passado levando em conta sua condição posta no presente da escrita.

Um tucano e três memórias. Diferentes narrativas rememoradas que trazem aspectos subjetivos de espaços de experiências e horizontes de expectativas, em um cotidiano delimitado pela ausência de liberdade.

Referências

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1974.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Editora Centauro, 2004.

JULIÃO, E. F. *Sistema penitenciário brasileiro: política de execução penal*. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2012.

LARROSA BONDÍA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, p. 20-28, 2002.

ONOFRE, E. M. C. A educação escolar para jovens e adultos em situação de privação de liberdade. *Cadernos Cedes*, v. 35, n. 96, p. 239-255, maio/ago. 2015.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado*. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2006.